



VII ENLIJE

A ILUSTRAÇÃO DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL NOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

Rafael do Nascimento Andrade; Prof^ª. Dr.^ª Renata Pimentel Teixeira

(Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE)

Introdução

É lugar comum falar que o ensino de literatura nas escolas não é oferecido de maneira satisfatória, isso quando há lugar para ela dentro de sala de aula. Porém, também é visto um movimento contrário, mesmo que a passos lentos, de formação de leitores a partir da leitura literária. O problema é que ainda faltam programas de formação continuada e também documentos que orientem melhor, o professor e a professora, no ensino com o livro literário.

Esta pesquisa que integra o Trabalho de Conclusão de Curso na Licenciatura em Letras Português e Espanhol, da Universidade Federal Rural de Pernambuco, levanta questionamentos e traz novas discussões sobre como os Parâmetros Curriculares Nacionais do terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental abordam as ilustrações no ensino de literatura. Especula-se que o ensino de literatura se detém no texto verbal e que, a partir do início do letramento, a imagem é colocada em segundo plano. Talvez, a falta de orientações e formação continuada para se trabalhar a relação imagem-texto na literatura infanto-juvenil corroborem para o pouco interesse na leitura literária, ou mesmo na leitura ineficiente.

A imagem não é mero elemento decorativo do livro, ela possui uma importância na construção da narrativa, ampliando sentidos, preenchendo lacunas ou as abrindo, trazendo perspectivas narrativas que desafiam o leitor e os colocam na posição ativa perante a leitura. Tendo a imagem essa complexidade, esta pesquisa se volta para os PCNs na intenção de localizar onde o ensino do texto literário é localizado e como se dão as orientações referentes a ele. Com isso, levantam-se alguns questionamentos: o texto literário possui orientações satisfatórias?; a imagem é vista como um elemento narrativo importante, ou é colocada somente como ampliadora de sentidos?

Sendo os PCNs um documento muito utilizado pelos professores e, inclusive, cobrado em diversos concursos públicos, esta pesquisa torna-se relevante para uma análise crítica dos mesmos, no intuito de levantar mais discussões em torno de um tema que é pouco discutido na literatura infantil com relação a estes documentos.

Metodologia

Esta pesquisa vem se fundamentando na análise crítica dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, dos terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental, em relação à ilustração da literatura infanto-juvenil. Para isso, a pesquisa será desenvolvida em três etapas. A primeira, já finalizada, foi realizada a leitura de todo o documento no intuito de localizar onde as orientações para o ensino de literatura se encontravam e como as mesmas eram propostas.





VII ENLIJE

Logo em seguida, será feita uma revisão bibliográfica para levantar novas discussões sobre o ensino de literatura, bem como a relação texto-imagem na construção da narrativa. Sendo assim, vamos trazer os estudos realizados por Hunt (2010) e Coelho (2000) sobre a crítica à Literatura infantil, os aspectos narrativos da ilustração de Linden (2011) e as perspectivas narrativas de Nikolajeva e Scott (2011).

A partir de uma perspectiva qualitativa dos resultados, a terceira etapa consistirá na comparação entre a análise teórica e a análise dos documentos, visando trazer reflexões sobre as lacunas que os PCNs trazem em relação à ilustração e ao ensino das relações entre texto verbal e não-verbal.

Resultados e Discussão

Ainda há uma resistência quanto à literatura infantil e juvenil perante à crítica literária. Muitos ainda a veem como uma literatura de menor qualidade, de leitura simples e com textos menos complexos, quando partimos para os leitores comuns, essa realidade não é diferente. Peter Hunt (2010) traz toda uma reflexão sobre como essa crítica à literatura infantil sofre menos resistência que a crítica à literatura dita para adultos. A sua teoria aponta para um preconceito ainda resistente, que acaba lançando mão de censuras e valores morais que atravessam todo o objeto livro, desde o seu suporte, passando pela narrativa, até às ilustrações.

Quando os adultos leem livros para crianças, normalmente precisam atentar para quatro sentidos diferentes, ao mesmo tempo. Primeiro, apesar de ocasionais protestos em contrário, os adultos em geral leem livros infantis *como se fossem textos escritos para adultos*. Se a leitura for motivada por algo que não o prazer, registraremos a presença do leitor implícito, mas “leremos contra” ele - o que certamente explica o baixo status dos livros para criança. (HUNT, 2010, p. 79)

Essa preocupação em torno da literatura infanto-juvenil, principalmente quanto ao seu caráter como literatura é bastante estudada, tendo em vista que não há nenhuma resistência por parte dos críticos em falar sobre ela, como se fosse um tema que se permite falar. Com isso,

a expressão “literatura infantil” sugere de imediato a ideia de belos livros coloridos destinados à distração e ao prazer das crianças em lê-los, folheá-los ou ouvir suas histórias contadas por alguém. Devido a essa função básica, até bem pouco tempo, a literatura infantil foi minimizada como *criação literária* e tratada pela cultura oficial como um gênero menor. (COELHO, 2000, p. 29)

A discussão em torno da literatura infantil se amplia quando a vemos aplicada ao ensino. O processo de escolarização da literatura é inerente ao espaço escolar, sendo este processo tema de discussões a respeito de como transportar o ensino de literatura sem se afastar da real prática social da leitura literária. Apesar de que há alguns anos essa preocupação em torno do tema vem se intensificando, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (1998) já se mostraram desatualizados quanto às orientações ao ensino de literatura aos terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental. Ao analisar os documentos fica notório o maior foco quanto à produção e leitura textual, oral ou verbal, principalmente quanto aos gêneros textuais utilizados socialmente.





VII ENLIJE

Tomando-se a linguagem como atividade discursiva, o texto como unidade de ensino e a noção de gramática como relativa ao conhecimento que o falante tem de sua linguagem, as atividades curriculares em Língua Portuguesa correspondem, principalmente, a atividades discursivas: uma prática constante de escuta de textos orais e leitura de textos escritos e de produção de textos orais e escritos, que devem permitir, por meio da análise e reflexão sobre os múltiplos aspectos envolvidos, a expansão e construção de instrumentos que permitam ao aluno, progressivamente, ampliar sua competência discursiva. (BRASIL, 1998, p. 27)

Enquanto o foco dá-se em maior parte ao ensino do texto escrito e em menor parte ao ensino dos textos orais, a parte destinada às orientações ao ensino do texto literário se resume a somente cinco pequenos parágrafos, localizados no tópico *A especificidade do texto literário*. Este traz boas reflexões quanto as características próprias do texto literário, bem como alerta para a não utilização deste como pretexto para o ensino de gramática. Algo que já aponta para o não esvaziamento e descaracterização do texto literário.

Porém, esta pesquisa já vem trazendo alguns resultados quanto à análise dos documentos, principalmente ao objeto de estudo, a ilustração na literatura infanto-juvenil. Quando os PCNs abordam os textos não-verbais, os trazem de uma maneira muito superficial sendo estes elementos muitas vezes importantes para a construção da narrativa na obra, ou mesmo sendo uma narrativa à parte do texto escrito, não se limitando apenas à ampliação de sentidos ou jogo de imagens, e nem estando somente a serviço do texto.

Nesse processo construtivo original, o texto literário está livre para romper os limites fonológicos, lexicais, sintáticos e semânticos traçados pela língua: esta se torna matéria-prima (mais que instrumento de comunicação e expressão) de outro plano semiótico na exploração da sonoridade e do ritmo, na criação e recomposição das palavras, na reinvenção e descoberta de estruturas sintáticas singulares, na abertura intencional a múltiplas leituras pela ambigüidade, pela indeterminação e pelo jogo de imagens e figuras. Tudo pode tornar-se fonte virtual de sentidos, mesmo o espaço gráfico e signos não-verbais, como em algumas manifestações da poesia contemporânea. (BRASIL, 1998, p. 27)

A ilustração na literatura infantil vem se tornando uma preocupação por parte dos escritores, ilustradores e até mesmo das editoras, não como mero elemento estético ou representativo do texto escrito, mas como elemento narrativo, ou seja, ler algum livro infanto-juvenil sem ler as imagens é diminuir todas as possibilidades que a narrativa pode oferecer. Para isso, há várias discussões sobre a relação imagem-texto, e Linden (2011) traz uma percepção dessa relação a partir de três aspectos narrativos: a relação de redundância, a relação de colaboração e a relação de disjunção. Enquanto as duas primeiras há uma relação entre texto-imagem, sendo a primeira em maior grau e a segunda em menor grau; na terceira, a relação entre texto-imagem não acontece.

Inversamente à sobreposição dos conteúdos, ocorre sua disjunção. Na escala do livro ilustrado, essa relação é rara, embora encontrada com certa frequência, podendo criar um efeito interessante na economia narrativa. A disjunção dos conteúdos pode assumir a forma de histórias ou narrações paralelas. Texto e imagem não entram em estrita contradição, mas não se





VII ENLIJE

detecta nenhum ponto de convergência. Uma relação de estrita contradição pode também ser observada. A contradição flagrante questiona o leitor, mas, ao contrário do distanciamento “causador” de ironia, deixa em aberto o campo das interpretações sem que o leitor seja orientado para um sentido definido. (LINDEN, 2011, p. 121)

Além disso, na relação entre comunicação verbal e visual, as imagens também desenvolvem perspectivas narrativas, ambas possuem lacunas que podem ser preenchidas de maneira total ou parcial, ou mesmo essas lacunas podem ser intencionalmente não preenchidas para que o leitor as faça (NIKOLAJEVA e SCOTT, 2011).

Ainda há muitas discussões sobre a relação entre o verbal e o visual na literatura infantil. Nikolajeva e Scott (2011) aprofundam a discussão ao trazer a noção de perspectivas narrativas. Na perspectiva onisciente ou onipresente, toda a ação que acontece é percebida na imagem, muitas coisas acontecem ao mesmo tempo, e o leitor é colocado numa posição de entendimento do todo. Uma imagem onisciente ou onipresente consegue preencher as lacunas que o texto verbal não consegue expressar. O inverso pode acontecer numa relação de perspectiva em primeira pessoa, ainda um desafio para as ilustrações, “em um livro ilustrado, um narrador em primeira pessoa significaria que, embora compartilhássemos seu ponto de vista, nunca o veríamos em nenhuma ilustração” (NIKOLAJEVA e SCOTT, 2011, p. 164), algo que seria desafiador para o leitor implícito da literatura infantil, a criança.

Conclusões

O ensino de literatura infanto-juvenil nas escolas ainda é um desafio e quando parte-se para a leitura dos documentos orientadores para o ensino, é notório que ainda precisa-se de melhoras. Apesar do reconhecimento, nos PCNs, que a literatura conversa com outras áreas do conhecimento, principalmente as artes, a ilustração ainda é vista como um jogo de imagens e ampliação de sentidos, algo que nesta pesquisa vem mostrando que não se resume a isto. A ilustração desempenha um papel importante dentro da narrativa, inclusive trazendo elementos discursivos que o texto verbal não consegue suprir, ou mesmo sendo a própria imagem uma narrativa à parte no livro, contando uma outra história. Com isso, se a imagem possui toda essa complexidade, as orientações também devem ser complexas, senão pode levar à descaracterização da leitura literária e não fornecer todo o suporte para um entendimento completo.

Referências bibliográficas

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Terceiro e quarto ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.





VII ENLIJE

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil.** São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LINDEN, Sophie Van der. **Para ler o livro ilustrado.** São Paulo: Cosac Naify, 2011.

NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carole. **Livro ilustrado: palavras e imagens.** São Paulo: Cosac Naify, 2011.



(83) 3322.3222
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br